

O QUE NOS DIZEM AS FOTOGRAFIAS DOS LIVROS DIDÁTICOS DE FLE?

DOI:10.47677/gluks.v24i2.452

Recebido: 13/06/2024

Aprovado: 31/07/2024

NISHI, Denise Akemi¹

ROCHA, Suélen Maria²

RESUMO: As imagens desempenham um papel crucial na construção de discursos e significados em nosso mundo social. Nesse contexto, a análise da linguagem não verbal se torna essencial para desenvolver uma perspectiva crítica em cursos de língua estrangeira. Este estudo tem como objetivo examinar a presença de fotografias nos livros didáticos de Francês Língua Estrangeira (FLE) *Alter Ego I+* e *Par Ici*, utilizados em dois contextos de ensino na Universidade Estadual de Londrina (UEL), bem como observar as representações culturais construídas por esses livros didáticos. Observamos as diferentes formas de imagens presentes nos livros escolhidos, incluindo desenhos, gráficos e fotografias, utilizando os fundamentos teóricos de Cristóvão (2015) e os princípios da gramática do design visual (GDV) de Kress & Van Leeuwen (2006). A análise revelou que as escolhas editoriais refletem ideais distintos de país: enquanto a editora canadense apresenta diversidade étnico-racial e contextos informais, a francesa retrata uma França predominantemente branca em situações formais. Concluímos que as fotografias influenciam na construção de representações sobre o país de origem do editor e que não há neutralidade discursiva, mas sim posicionamentos que podem reforçar estereótipos e visões simplistas do mundo, impactando os aprendizes de língua estrangeira.

PALAVRAS-CHAVE: Francês como língua estrangeira, Livros didáticos, Fotografia, Gramática do design visual.

Introdução

Aprender uma língua estrangeira não se restringe à aquisição de competências linguísticas e discursivas dos aprendizes, mas pode possibilitar o acesso às culturas estrangeiras. Quando um estudante começa a estudar uma língua estrangeira, geralmente dispõe de um livro didático como material principal de aprendizagem. Esses livros têm vários objetivos: comunicativos,

¹ Denise Akemi Nishi. Especialista em Fotografia e Bacharela em Letras Francês pela Universidade Estadual de Londrina. Professora de Língua Francesa. e-mail: denise.akemi.nishi@gmail.com

² Profa. Dra. Suélen Maria Rocha. Docente do Departamento de Letras Estrangeiras Modernas da Universidade Estadual de Londrina. Coordenadora Pedagógica do Programa Paraná Fala Francês da UEL. E-mail: suelen.rocha@uel.br

gramaticais, lexicais, fonéticos e socioculturais. Dentro dos objetivos culturais, as imagens, especialmente, as fotografias, desempenham um papel importante na construção de representações culturais da língua-alvo. Este artigo analisa a presença de fotografias em dois livros didáticos de Francês Língua Estrangeira (FLE) utilizados na Universidade Estadual de Londrina (UEL). Especificamente, verificamos quais imagens aparecem nos livros (desenhos, gráficos, pictogramas etc.) e observamos o uso de fotografias. Nossa análise se baseia nos pressupostos teóricos e metodológicos de Cristóvão (2015) e nos estudos de Kress e Van Leeuwen (2006) sobre a gramática do design visual (GDV).

Para isso, analisamos comparativamente dois livros didáticos elaborados em países diferentes: o livro didático *Alter Ego + A1*, de uma editora francesa, e o *Par Ici A1*, elaborado no Canadá. Partimos da hipótese de que, por serem culturalmente distintos, eles podem expressar essa diversidade através da escolha das fotografias utilizadas. Inicialmente, verificamos quais imagens aparecem nos livros didáticos selecionados e buscamos compreender o uso de fotografias a partir dos pressupostos teóricos e metodológicos de Cristóvão (2015), e Kress e Van Leeuwen (2006).

A gramática do design visual

Para analisar as imagens em materiais didáticos de FLE, utilizamos os referenciais de análise das funções das imagens no contexto de ensino-aprendizagem de FLE propostos por Cristóvão (2015) e as categorias da Gramática do Design Visual (GDV) de Kress & Van Leeuwen (2006). Segundo esses autores, a GDV pode ser considerada uma ferramenta para o estudo de imagens, apresentando estruturas sintáticas analisáveis, assim como na linguagem verbal. A proposta da GDV é fornecer categorias de análise para uma leitura das imagens de maneira sistemática e metodológica. No Brasil, algumas pesquisas na área de didática do FLE utilizaram os pressupostos teórico-metodológicos da GDV, a saber: Melão (2014) analisou as características verbais e multimodais dos anúncios publicitários franceses e sua transposição para o ensino e aprendizagem; Cristóvão (2015) investigou o uso pedagógico da imagem nos livros didáticos de Francês Língua Estrangeira (FLE) e sua possível transformação nas últimas décadas e, por fim, Sumiya (2016) estudou o ensino-aprendizagem do FLE por alunos adolescentes por meio da produção do gênero multimodal tutorial em vídeos.

Para os autores da GDV e os pesquisadores que se baseiam em seu modelo teórico-metodológico, é necessário criar um "letramento visual", uma forma de oferecer suporte para a leitura de imagens. Assim como existe uma gramática para textos escritos e verbais, eles

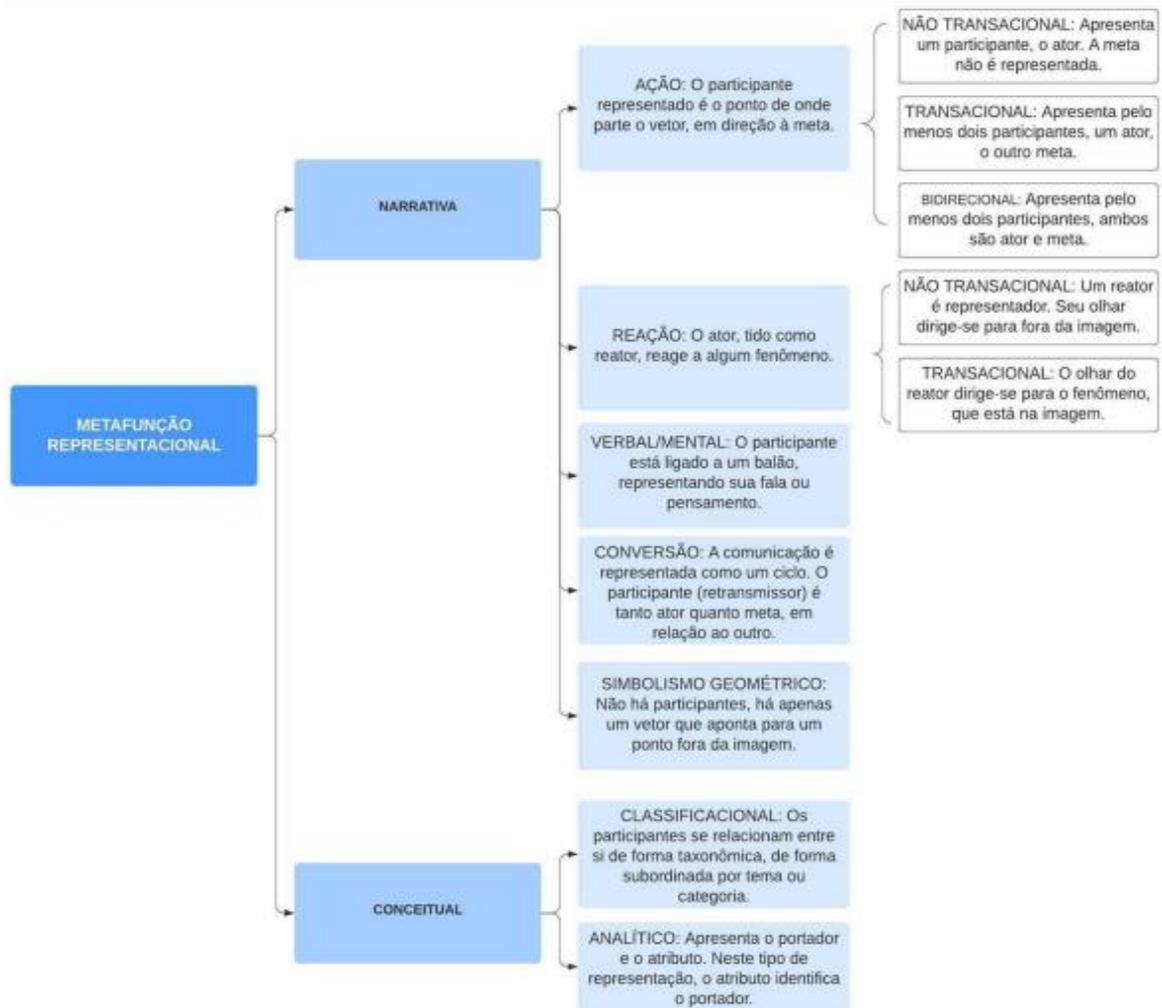
acreditam que a mesma lógica pode ser aplicada aos textos visuais. Contudo, ao utilizar a palavra "gramática", não se referem a regras rígidas, mas à criação de conexões e compreensões globais das relações entre elementos em um contexto específico. Kress e Van Leeuwen (2006) conceituam três metafunções na GDV: Representacional, Interativa e Composicional. Cada metafunção possui subdivisões em categorias próprias, que serão detalhadas a seguir.

A metafunção representacional considera os participantes e suas representações em um processo de ação, dividindo o discurso visual em narrativas e conceituais. As narrativas fazem parte da experiência material do mundo, enquanto as conceituais se inserem na experiência relacional do mundo. Os processos narrativos são subdivididos em acional, reacional, verbal/mental, de conversão e simbolismo geométrico (Kress; Van Leeuwen, 2006 *apud* Mucci, 2020).

Paralelamente à linguagem verbal, onde os verbos indicam ação, nos textos imagéticos, vetores podem indicar ações e interações entre participantes. Esses vetores também podem direcionar olhares para um ponto específico, a Meta. Nessa relação, encontramos dois tipos de Participantes: o Participante Interativo (PI), que executa uma ação, e o Participante Representado (PR), que é apenas representado. Para criar um processo narrativo, é necessário um vetor de ação que vincule um participante fazendo algo sozinho ou com outro participante (Kress; Van Leeuwen, 2006 *apud* Mucci, 2020).

A partir das diferentes interações entre Participantes, Vetores e Meta, podem-se classificar os processos narrativos em várias categorias: narrativo acional, narrativo reacional, narrativo verbal/mental e narrativo simbólico. Há ainda subdivisões em narrativo acional não transacional e transacional, assim como narrativo reacional não transacional e transacional, conforme explicado no esquema elaborado por Mucci (2020).

Figura 1 – Descrição das categorias referentes à metafunção representacional.



Fonte: Mucci (2020, p. 48), com base em Kress e van Leeuwen (2006)

Ainda dentro da metafunção representacional, há o processo conceitual, que se subdivide em classificacional e analítico. O processo classificacional organiza os participantes do texto imagético de maneira não natural, considerando-os como pertencentes à mesma categoria. No modelo conceitual analítico, há um participante que representa o todo e outros elementos que são atributos possessivos (Kress; Van Leeuwen, 2006 *apud* Mucci, 2020).

A segunda metafunção, a Interacional, ocorre na relação entre produtor, produto e observador, podendo ser analisada a partir de quatro aspectos: contato, distância social, perspectiva e modalidade.

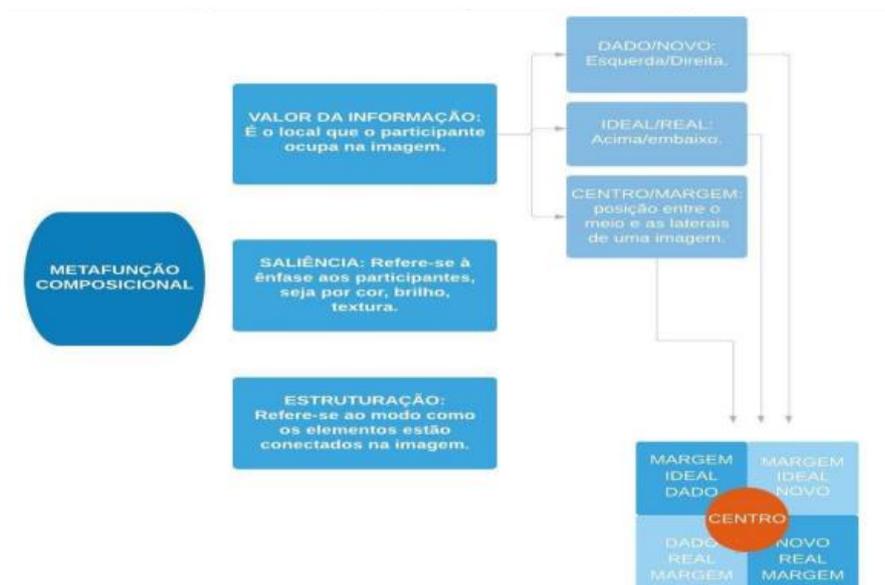
Figura 2 – Metafunção interacional e suas categorias.



Fonte: Mucci (2020, p. 54), com base em Kress e van Leeuwen (2006)

Para finalizar, a Metafunção Composicional analisa como as estruturas visuais representacionais e interativas se combinam para formar um todo comunicativo. Essa composição abrange três aspectos: valor de informação, saliência e estruturação, construídos a partir de pressupostos ocidentais de leitura, como detalhado por Mucci no esquema a seguir.

Figura 3 – Metafunção composicional e suas categorias.



Fonte: Mucci (2020, p. 55), com base em Kress e van Leeuwen (2006)

Essas funções e categorias serão utilizadas de acordo com a necessidade nas análises das fotografias selecionadas.

Categorias das funções aplicadas aos livros didáticos

As categorias apresentadas são úteis para analisar qualquer texto multimodal em diversas esferas de atividade humana. Contudo, existem estudos específicos para materiais educacionais, como o de Cristóvão (2015), que criou categorias específicas para livros didáticos baseadas nos estudos de Kress e Van Leeuwen (2006). Estas se dividem em quatro funções: situacional, conceitual, atuante e expressiva.

Uma imagem com função situacional é utilizada para introduzir o aluno a uma situação temática ou universo comunicativo, representando um diálogo que será apresentado no livro didático. Exemplo: Conjunto de fotos em início de capítulo do livro *Par Ici: “Épisode 1: C’est moi”*. São fotos que representam gestos e ações que podem remeter ao estudante uma situação de comunicação conhecida. Neste módulo, a situação de comunicação proposta é “apresentar-se”.

Figura 4 - Função situacional.



Fonte: Desjardins (2015, p. 16)

Já a função conceitual, traz em si aspectos socioculturais, utilizada para enriquecimento de vocabulário, criação de uma noção conceitual (noção de trabalho, de alimentação, de viagem etc.). Exemplo: Grupo de fotos utilizado em exercício para falar sobre profissões no livro *Alter Ego*. Para se trabalhar o vocabulário, as fotos estão sendo utilizadas para conceituar algumas profissões dentro de um contexto sociocultural que pode ser acessado pelos estudantes.

Figura 5 – Função conceitual.



Fonte: Berthet *et al* (2012, p. 64)

Na função atuante a imagem aparece como parte da realização de uma tarefa, como ponto de partida junto a um texto escrito ou a um documento sonoro. Segundo Cristovão (2005, p. 46), nessa função “pede-se ao aluno bem mais do que uma observação passiva da imagem”. Exemplo: Fotos representando ações cotidianas para serem utilizadas em um exercício do livro *Par Ici*.

Figura 6 – Função atuante.



Fonte: Desjardins (2015, p.59)

Neste caso é pedido ao aluno para inserir os verbos de ação que estão sendo representados nas fotografias: *aller* (ir), *boire* (beber), *écrire* (escrever), *lire* (ler) e assim por diante. Importante destacar que nesta função podem estar presentes as funções situacional e conceitual, sendo, portanto, a função atuante uma função suplementar. Este acréscimo de função à imagem tem como objetivo favorecer a aprendizagem, pois aumenta a interação do

aluno com a imagem e o tipo de leitura que lhe é solicitado.

Para finalizar, a quarta função, a função expressiva, é o uso feito pelo aluno, para a criação de seu discurso em um exercício de casa, por exemplo, é quando o aluno seleciona uma fotografia feita em uma viagem, uma foto de algum objeto pessoal, uma foto de revista, um retrato de jornal etc. para ajudar na criação de um texto. A autora reforça que as funções propostas não são excludentes e nem pretendem ser limitantes. A função expressiva, portanto, não aparecerá nos livros didáticos em si, mas sim nas produções dos aprendizes.

Fotografia como texto visual mais próximo ao real

Kress e Van Leeuwen (2006) discutem a relação entre imagem e texto visual. Neste trabalho, optamos por analisar fotografias, considerando que cada fotografia é um fragmento do real capturado (Sontag, 2004), obtido através de uma câmera fotográfica. Segundo o dicionário Michaelis (2015), uma câmera fotográfica é usada para reproduzir imagens mediante a luz ou energia radiante em uma superfície sensibilizada, resultando em uma cópia fiel e exata. A escolha de fotografias se justifica também pelo fato de os aprendizes poderem se ver representados nas cenas, aproximando-os das situações comunicativas nos livros didáticos. Portanto, nossa hipótese é que a seleção de fotografias em cada livro didático transmite aspectos culturais do Canadá e da França, ou ao menos uma representação desejada aos estudantes de língua francesa, aproximando-os do universo cultural retratado nas imagens capturadas.

Para aprofundar nossa hipótese, é importante destacar, conforme Windmüeller (2011), a relação intrínseca entre a aquisição de uma língua e os aspectos culturais a ela vinculados. A autora questiona se o aprendizado de uma língua hoje em dia será puramente "utilitário", ou seja, apenas como uma ferramenta de comunicação para necessidades específicas, ou se também será uma maneira de compreender as pessoas de uma cultura estrangeira e a própria cultura do outro. O contato com uma cultura diferente pode desencadear o que a autora chama de "efeito espelho", levando-nos a refletir sobre nossa própria cultura através do olhar para o outro. Assim, aprender uma língua estrangeira nos coloca em confronto com nossa língua materna, suas normas e construções. Windmüeller ressalta a importância de apresentar a cultura estrangeira de maneira complexa, evitando estereótipos que não promovam uma reflexão sobre nossa própria cultura.

Os autores Chaves et al. (2013 *apud* Silva, 2015) explicam como a definição de cultura evoluiu ao longo do tempo, abrangendo não apenas aspectos artísticos e literários, mas também uma visão sociológica e antropológica, que considera a interação entre seres humanos e seu

ambiente. Complementando essa perspectiva, adicionamos o conceito de interculturalidade para entender a cultura no contexto do ensino de FLE. A interculturalidade é vista como um processo dinâmico de trocas entre diferentes culturas, facilitado pela quebra de barreiras geográficas e pelo avanço das tecnologias de informação em rede. Ao considerar esses conceitos, esperamos realizar uma análise crítica da utilização de fotografias nos livros didáticos selecionados.

No campo da didática das línguas, Zarate (1986) oferece reflexões sobre o ensino da cultura estrangeira. Ela argumenta que não se pode esperar que um estrangeiro desenvolva a mesma competência cultural que um nativo, e que essa abordagem não deve ser buscada na sala de aula de língua estrangeira. É importante reconhecer que os aprendizes trazem consigo ideias preconcebidas, e frequentemente reagem ao confronto com uma cultura estrangeira tentando confirmar sua própria visão de mundo antes de se deixarem influenciar por ela. Zarate destaca a necessidade de considerar as diferenças no contexto da sala de aula e de sensibilizar os aprendizes para os estereótipos e para uma visão de mundo etnocêntrica e simplista. Ela observa que "todo discurso reflete o ponto de vista de quem o enuncia" (Zarate, 1986). Isso nos leva a entender que não existe um discurso neutro, e que as escolhas demonstram posicionamentos. No presente trabalho, a contribuição da estudiosa será evidenciada na interpretação das análises das fotografias selecionadas.

Os contextos de ensino do francês na UEL

Dentro da Universidade Estadual de Londrina, o ensino de francês língua estrangeira (FLE) está presente em três contextos distintos: o curso de Letras Francês – bacharelado, o Programa Paraná Fala Francês (PFF) e o Laboratório de Línguas. Este trabalho se concentra nos contextos do curso de graduação e do PFF, nos quais a então graduanda, Denise Akemi Nishi, estava envolvida como estudante e como professora bolsista, respectivamente.

O curso de Bacharelado em Língua e Cultura Francesas, conforme a resolução CEPE/CA n. 0110/2009, tem como objetivo formar profissionais com competência linguística desenvolvida para comunicação oral e escrita, atividades de tradução e investigação de temas relacionados à língua, tradução, literatura, cultura e civilização francófonas. Os aprendizes devem adquirir conhecimentos em estudos literários, manifestações artísticas, filosofia, sociedade e história política francesas. Além disso, devem estar preparados para reflexão crítica sobre culturas e civilizações francófonas, promover intercâmbios culturais e científicos e

expandir o uso do francês como língua estrangeira nas relações interculturais. Neste trabalho, investigamos a área de língua, um eixo importante no curso de Letras-francês, uma vez que os aprendizes têm disciplinas de Língua Francesa em todos os períodos do curso. O livro adotado como guia nas aulas de língua francesa é o *Alter Ego+*, da editora Hachette, justificando sua seleção para análise neste estudo.

Outro contexto em que o francês é ensinado na UEL é o Programa Paraná Fala Francês (PFF), integrante do Programa Paraná Fala Idiomas (PFI), apoiado pela Superintendência de Ciência, Tecnologia e Ensino Superior do Paraná (SETI), visando promover o ensino e aprendizagem do francês, do espanhol, do inglês para atender à meta de internacionalização das universidades estaduais paranaenses. Os cursos são destinados à comunidade interna das universidades participantes. Desde 2018, o programa oferece cursos de língua francesa de nível iniciante e básico, além de cursos específicos para estudantes de pós-graduação, como cursos de mobilidade internacional, escrita de gêneros acadêmicos e leitura de textos acadêmico-científicos. Nos cursos de nível iniciante e básico, o livro *Par Ici A1*, da editora canadense MD Éditions, é utilizado como material didático. Para os outros cursos oferecidos pelo programa, são utilizados materiais elaborados pela equipe para atender às demandas específicas do público universitário.

Para serem analisados no presente trabalho selecionamos o livro didático *Alter Ego + A1*, utilizado no 1º ano do curso de graduação em Letras-Francês e o livro *Par Ici A1*, utilizado pelo Programa Paraná Fala Francês entre os anos de 2018 e 2021.

Análise dos livros didáticos selecionados para análise

O livro "Alter Ego + A1" (2012), da editora Hachette, é coautoria de sete autoras e destinado a jovens e adultos. Organizado de acordo com os níveis do Quadro Comum Europeu de Referência para Línguas (QCERL), inclui capítulos direcionados à prática para o teste de proficiência DELF. Com 224 páginas, equilibra atividades escritas e orais, contextualizadas na vida cotidiana, para promover a interação do estudante em situações encontradas na França ou em outros países francófonos. Composto por nove dossiês, cada um subdividido em três lições, também inclui seções "caderno de viagem" para aspectos culturais e "projeto" com tarefas a serem realizadas. Aborda as quatro habilidades linguísticas: compreensão oral e escrita, produção oral e escrita.

Por outro lado, o livro *Par Ici* (2015), da editora MD, escrito por Nancy Desjardins, é apresentado como um material com "sabor norte-americano" voltado para adultos interessados

em aprender o francês falado em Quebec, seja para trabalho, estudo, turismo ou por prazer. Baseado nos níveis de competência do QCERL (Quadro Europeu Comum de Referência para as Línguas) e na escala quebequense, que foi criada para estabelecer normas para o ensino de francês para imigrantes adultos, o livro não visa desenvolver as habilidades de compreensão e produção escrita. Com 160 páginas, é dividido em 16 episódios, com uma revisão a cada três episódios. Cada capítulo apresenta uma imagem e um texto para estimular a reflexão sobre o assunto abordado e os objetivos de comunicação.

Procedimento de coleta de dados e análise dos dados

No estágio inicial, uma análise quantitativa foi conduzida nos dois livros didáticos, examinando-os completamente para contabilizar todas as representações visuais, como gráficos, desenhos, tabelas, pictogramas, ilustrações, entre outros. Em seguida, uma segunda análise quantitativa focou exclusivamente na contagem de fotografias página por página. Depois dessa seleção inicial, utilizando as funções propostas por Cristóvão (2015), contabilizamos quantas fotografias se enquadravam em cada função: função situacional, função conceitual e função atuante. Em uma fase posterior, para permitir uma análise qualitativa mais aprofundada e compreensiva das representações, realizamos uma triagem com base nos objetivos lexicais, comunicativos e/ou culturais, buscando correspondências entre os dois livros analisados. Isso resultou na seleção de fotografias para uma análise mais detalhada, garantindo uma paridade de objetivos entre os livros selecionados.

Para a seleção de fotografias com mesmo objetivo comunicativo, observamos qual lição do livro estava inserida e se a fotografia poderia ser classificada dentro das funções conceitual ou atuante (Cristóvão, 2015). A partir da seleção, iremos analisar cada fotografia individualmente a partir das metafunções de Kress e Van Leeuwen (2006) e juntamente com um olhar embasado pelas teorias sobre cultura e língua, buscaremos uma interpretação sobre as escolhas em cada livro didático e suas diferenças e semelhanças.

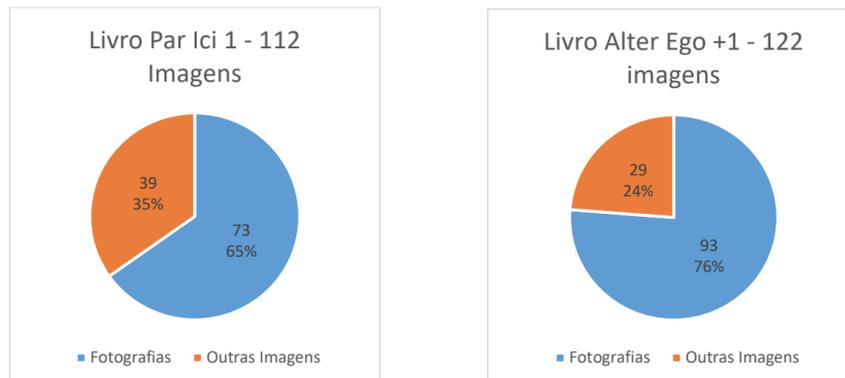
Resultados da análise quantitativa

Após o procedimento descrito, concluiu-se que ambos os livros contêm uma quantidade significativa de imagens. No *Alter Ego + A1*, com 223 páginas mais a capa, foram identificados 122 elementos visuais, enquanto no *Par Ici A1*, com 160 páginas mais a capa, foram encontradas 112 imagens. As páginas preliminares e de referências não foram incluídas na contagem, pois não são utilizadas em sala de aula pelos estudantes. A partir dessa primeira

análise, focamos exclusivamente nas fotografias, resultando em 93 no *Alter Ego* e 73 no *Par Ici*.

É possível observar um uso majoritário de imagens do tipo fotografia em ambos os livros, como evidenciado pelos gráficos abaixo:

Gráfico 1: Número de imagens e fotografias

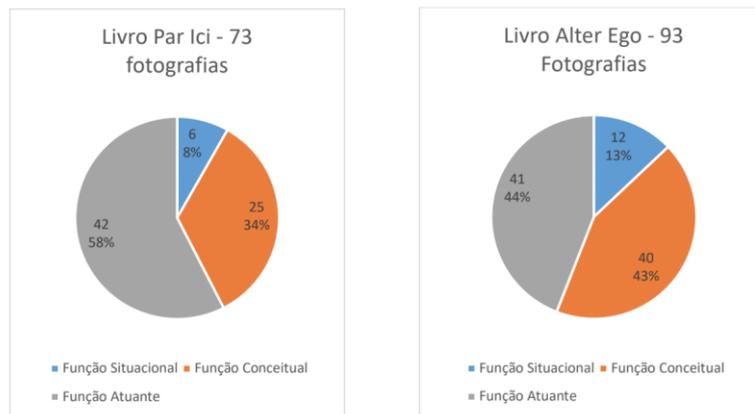


Fonte: Elaborado pelas autoras

Apesar do *Par Ici* ter menos páginas, a quantidade de imagens é próxima à do *Alter Ego*, indicando um uso mais expressivo de imagens no primeiro livro didático mencionado. Ao aprofundarmos a coleta de dados e realizarmos a análise, classificamos as fotografias de acordo com as funções propostas por Cristóvão (2015): conceitual, situacional e atuante. Não consideramos a função expressiva, pois esta estaria relacionada à produção dos aprendizes e não às imagens nos livros didáticos.

No gráfico 2, observa-se uma proporção semelhante de fotografias utilizadas nas funções conceitual e atuante nos dois livros, com uma presença relativamente baixa de fotografias na função situacional. Essa análise inicial sugere que as fotografias devem ser examinadas de forma crítica e analítica pelos aprendizes e professores, pois estão inseridas em ambas as obras de maneiras que implicam interação entre as fotografias e o observador (nas funções conceitual e atuante), seja na formulação de ideias ou na resolução de exercícios. A função situacional, por sua vez, é menos evidente, sugerindo que a utilização das fotografias em ambos os livros busca um uso mais participativo e menos meramente ilustrativo.

Gráfico 2: Número de fotografias em diferentes funções



Fonte: Elaborado pelas autoras

Ao analisarmos os números de fotografias classificadas na função conceitual, percebemos uma presença menor no livro *Par Ici*. Esta função visa apresentar ao estudante uma situação familiar, levando-nos a hipótese de que no *Alter Ego* há uma maior utilização de fotografias para estabelecer uma conexão com os conhecimentos prévios da cultura francesa, promovendo assim uma relação afetiva com o material.

Análise Qualitativa

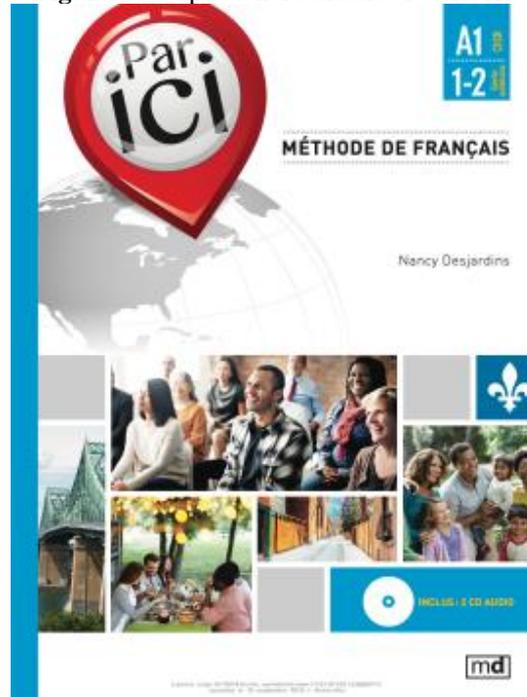
Para uma comparação significativa entre os usos da fotografia em cada livro, priorizamos aquelas previamente classificadas como predominantes nas funções conceitual e atuante, as quais serão examinadas com maior atenção pelo professor e pelos estudantes. Além disso, selecionamos imagens que se encaixassem nos mesmos objetivos comunicativos, lexicais ou culturais em ambos os livros didáticos, permitindo uma análise comparativa que revelasse indícios do discurso sobre os países de origem de cada material. Para uma análise mais aprofundada das fotografias em relação aos objetivos comunicativos, lexicais ou culturais, apresentaremos os resultados das análises do conjunto de fotografias selecionadas com base nos pressupostos da GDV (Kress; Van Leeuwen, 2006).

Análise das capas

As fotografias das capas serão uma exceção e analisadas mesmo que não se enquadrem nas funções de Cristóvão (2015) usadas para a seleção das imagens. Reconhecemos sua relevância no impacto da leitura global do material, pois são imagens que serão frequentemente

vistas sempre que o estudante manusear seu livro didático. Além disso, representam a primeira impressão com a qual o estudante se depara ao adquirir o material de estudo da língua.

Figura 8 – Capa do livro didático *Par Ici A1*



Fonte: Desjardins (2015, capa)

A capa do livro *Par Ici* apresenta uma composição de diversas fotografias. Nota-se que aquelas que retratam pessoas (participantes) - exceto um garoto à direita - não direcionam o olhar diretamente para o observador, enquadrando-se na metafunção representacional narrativa acional/reacional transacional. Nessa interação entre os participantes, não há uma inclusão direta do leitor; o contato é estabelecido de forma indireta, através de uma oferta visual. Isso cria um certo distanciamento entre o leitor e os participantes nas fotografias.

Por outro lado, as outras fotografias, como aquelas que retratam um objeto arquitetônico e uma rua, podem ser interpretadas como representações de simbolismo geométrico, onde não há a presença de participantes. Nesses casos, há apenas um vetor que aponta para um ponto fora da imagem, sugerindo continuidade ou indicando um caminho a ser seguido. Essas imagens podem ser interpretadas como um convite para adentrar no espaço geográfico representado ou como uma metáfora para o processo de aprendizado da língua francesa.

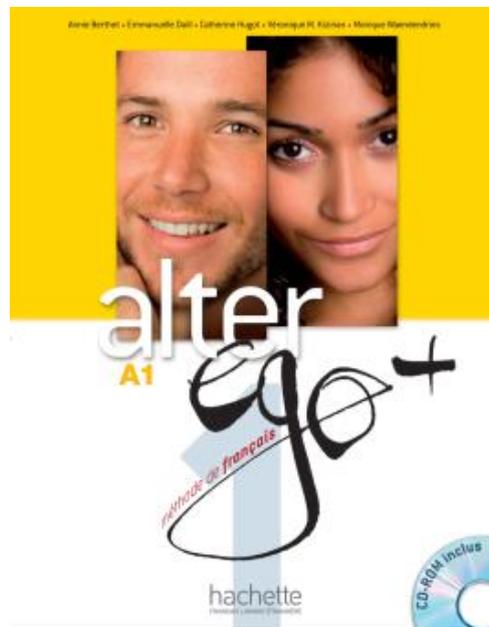
Considerando essas fotografias em conjunto, é possível observá-las sob a ótica da metafunção composicional, onde há uma forte estruturação entre os elementos. Elas estão conectadas pela ideia de pertencer a uma comunidade e de se inserir na sociedade de origem do

livro, no caso, o Québec, no Canadá. A representação de participantes de diversas idades e etnias em diferentes relações sociais reflete a diversidade sociocultural dessa comunidade, alinhando-se com a proposta do material de ensinar a língua francesa como falada no Québec, especialmente para imigrantes adultos.

A imagem da ponte pode sugerir uma passagem, um caminho possível de acesso à cultura e à língua do país estrangeiro, reforçando a ideia de integração e aprendizado representada na capa do livro.

Agora, vejamos a capa do livro *Alter Ego*:

Figura 9 – Capa do livro didático *Alter Ego+ A1*



Fonte: Berthet *et al* (2012, capa)

A capa do livro *Alter Ego+1* apresenta duas fotografias que podem ser analisadas sob a ótica da metafunção interacional, considerando as relações entre o produtor, o produto e o observador. Nestas imagens, há uma proximidade social de close-up entre os dois participantes, estabelecendo um contato direto com o observador, o que pode ser interpretado como um contato de demanda. Além disso, sob a perspectiva da metafunção composicional, as fotografias possuem um alto valor de informação, evidenciado pela proximidade dos vetores em um ângulo frontal. Esses elementos formam um conjunto que se identifica com um estudante jovem em busca de proficiência na língua francesa. A saliência das imagens também é destacada pelos sorrisos dos retratados, que podem ser interpretados como convidativos, sugerindo experiências agradáveis e prazerosas associadas ao aprendizado da língua.

Ao compararmos as duas capas, percebemos que o livro *Par Ici* parece estar mais voltado para um aprendizado coletivo, com ênfase na ideia de contribuir para a sociedade, enquanto o livro *Alter Ego* se concentra mais no indivíduo jovem em busca do aprendizado da língua francesa.

Análise do tema "família"

No livro *Par Ici* temos duas fotografias e um conjunto de fotografias antigas. Já no livro *Alter Ego* há somente uma fotografia com muitos participantes.

Figura 10 – Um ar de família (*Par Ici*)



Fonte: Desjardins (2015, p.44)

Começando a análise pelo conjunto de fotografias antigas, podemos interpretá-las sob a ótica da metafunção representacional conceitual classificacional, onde os participantes se relacionam entre si por meio de um tema comum. Sob a perspectiva da metafunção interacional, observamos que as fotos retratam as pessoas em um plano médio e a partir de um ângulo frontal. Essa composição é característica de fotografias antigas, sugerindo uma limitação técnica que resulta em imagens semelhantes em sua composição, com um certo distanciamento social e um ângulo frontal que destaca a pose no momento do registro. A associação do casamento com conceitos de família, história e tradição da sociedade pode ser inferida a partir dessa seleção.

Nas duas fotos no alto da página, temos pessoas brancas interagindo entre si. Sob a ótica da metafunção representacional, é possível identificar uma narrativa reacional transacional em ambas as fotos, onde os participantes reagem a algum fenômeno presente na imagem. Esses retratos apresentam dois indivíduos, aparentemente um mais jovem e outro mais velho,

possivelmente interpretados como pai e filho, ou mãe e filha. As expressões faciais sugerem uma atmosfera agradável, embora não seja possível determinar exatamente ao que estão reagindo. O observador é convidado a observar junto com os participantes a situação, sem participar diretamente da interação.

Figura 10 – Em família (*Alter Ego*)



Fonte: Berthet et al (2012, p.70)

Na fotografia selecionada para abordar o objetivo comunicativo "falar sobre sua família", que retrata um casamento com noivos e suas famílias, é possível identificar, sob a ótica da metafunção interacional, um contato de demanda. Os olhares dos participantes estão direcionados ao observador, e o plano é aberto em um ângulo frontal, mostrando todos os participantes por inteiro. Essa disposição dos olhares pode gerar uma sensação de convite para quem se identifica com os indivíduos retratados, imaginando-se na mesma situação e sendo bem recebido. No entanto, para quem não se identifica, pode ser intimidador, sugerindo uma possível exclusão social.

Ambos os livros associam diretamente a ideia de família ao casamento, retratando-o como um modelo de convivência ideal. Na primeira situação apresentada, as escolhas da autora sugerem um modelo de família a ser seguido, enfatizando a importância de observar como são construídas as relações. A representação de uma família branca e numerosa pode implicar que

a sociedade francesa seja mais acolhedora com aqueles que se encaixam no padrão estabelecido.

Conclusão

O uso de imagens no ensino de línguas estrangeiras é bastante difundido atualmente, tanto em sala de aula quanto na elaboração de materiais didáticos. Essas imagens têm diversas finalidades, como ilustrar as lições, auxiliar na aprendizagem do vocabulário, contextualizar aspectos culturais, engajar os aprendizes e apresentar situações sociais. A presença significativa de imagens em ambos os livros analisados confirma a variedade de funções que as fotografias podem desempenhar nos materiais didáticos utilizados no ensino de línguas estrangeiras.

Ao aplicarmos as funções propostas por Cristóvão (2015) para analisar o uso das fotografias nos livros didáticos selecionados, percebemos uma preocupação em utilizá-las de forma ativa, contribuindo para a compreensão, interpretação e resolução das lições, e não apenas como complemento aos textos escritos. Essas funções também facilitaram a interpretação, permitindo-nos formular hipóteses sobre os significados que as fotografias poderiam transmitir. Assim, ao compreendermos essas funções, abrimos a possibilidade de desvendar a representação da língua e cultura construída (ou desejada) pelas editoras dos livros didáticos. Ao contrário dos textos verbais, que demandam um esforço maior do leitor para compreender os significados, as imagens são processadas de forma mais direta pela nossa visão, muitas vezes sem que percebamos como estão influenciando nossas representações. Com o auxílio das metafunções da GDV (Kress e Van Leeuwen, 2006), as fotografias revelaram elementos que ampliaram nossa compreensão. Ao observarmos os vetores do olhar dos participantes, por exemplo, pudemos distinguir entre fotos mais convidativas e aquelas mais excludentes. O ângulo em que os indivíduos foram retratados fornecia pistas adicionais para interpretar se havia uma sensação de superioridade ou igualdade em relação ao sujeito retratado.

Os livros didáticos adotam abordagens distintas no uso das fotografias, o que confirma nossa hipótese de que as escolhas das imagens são influenciadas pelo contexto das editoras dos diferentes países francófonos. Ao considerarmos também o prefácio, fica evidente que o perfil de aluno esperado e o tipo de contato que terão com a cultura francófona são diferentes. O livro *Par Ici* valoriza a diversidade e uma abordagem descontraída, criando um ambiente mais informal para a aprendizagem do francês, focando na sociedade quebequense com o objetivo de integrar o indivíduo àquela comunidade. Por outro lado, o livro *Alter Ego* também destaca a diversidade e o contato com outras culturas francófonas, mas privilegia a sociedade francesa como representante dos falantes de francês, adotando uma abordagem mais formal na

apresentação dos tópicos estudados.

O Canadá, em geral, e o Québec, em particular, são frequentemente retratados como lugares acolhedores e inclusivos para pessoas de diferentes origens étnicas e culturais. No material didático produzido pela editora canadense, é perceptível o cuidado em incluir pessoas que representem essa diversidade já existente na sociedade, refletindo o desejo de integração de novos habitantes. Por outro lado, no imaginário brasileiro, persiste a imagem estereotipada da França (e da Europa em geral) como um lugar habitado predominantemente por pessoas brancas, embora se saiba que a população francesa seja mais diversificada. A seleção de imagens no livro *Alter Ego* parece reforçar esse estereótipo, já que as fotografias analisadas retratam, predominantemente, pessoas com características físicas caucasianas. Esse aspecto pode contribuir para a manutenção da percepção estereotipada do país e dos falantes da língua francesa. Em estudos futuros, seria interessante replicar esse procedimento metodológico em outros livros didáticos de línguas estrangeiras ou de outras disciplinas, como língua materna, história, ciências, etc. Além disso, seria relevante pensar na formação de professores para o uso de fotografias e outros textos imagéticos em sala de aula, visto que a multimodalidade nem sempre é abordada de forma abrangente nas formações de professores, que geralmente se concentram mais em questões relacionadas à linguagem verbal.

Um olhar crítico para as imagens nos materiais utilizados em sala de aula pode contribuir significativamente para a desconstrução de estereótipos e a construção de uma compreensão mais ampla e reflexiva sobre a cultura e a língua estudada. Isso pode estimular uma postura mais ativa por parte dos aprendizes, afastando-os de uma percepção passiva das imagens e promovendo uma maior conscientização sobre sua influência na construção de significados.

Referências

BERTHET, A.; DAILL, E.; HUGOT, C.; KIZIRIAN, V. M.; WAENDENDRIES, M. *Alter Ego 1 + livre de l'élève*. Hachette: français langue étrangère, Paris: Hachette, 2012.

CONSEIL DE L'EUROPE. *Cadre européen commun de référence pour les langues*. Paris: Didier, 2001.

CRISTOVÃO, Maria Lucia Claro. *A imagem nos livros didáticos de Francês Língua Estrangeira: funções, preconizações, possibilidades*. 2015. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8146/tde-06102015-144619/>. Acesso em: 30 jul. 2024.

DESJARDINS, Nancy. *Par ici: méthode de français*. A1 CECR, 1-2 échelle québécoise. 160 *Gláuks: Revista de Letras e Artes-mai/ago, 2024-ISSN: 2318-7131-Vol.24, nº 2* 19

páginas. Éditions MD, 2015

FOTOGRAFIA. In: MICHAELIS, *Dicionário Online de Português*. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/fotografia/>. Acesso em: 01/12/2021.

KRESS, Gunther, VAN LEEUWEN, Theo R. *Reading Images: The Grammar of visual design*. New York: Routledge, 2006.

MELÃO, Priscila Aguiar. *O gênero textual anúncio publicitário no ensino do FLE: o desenvolvimento da capacidade discursiva 'argumentar' por meio de recursos verbais e visuais*. 2014. Dissertação (Mestrado em Língua e Literatura Francesa) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014. doi:10.11606/D.8.2014.tde-08102014-165506. Acesso em: 2024-07-30.

MUCCI, Samira Baião Pereira. *A representação de francófalantes a partir de livros didáticos de francês língua estrangeira em uma perspectiva dos estudos discursivos críticos*. 2020. 190 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal de Viçosa, Viçosa. 2020

QUÉBEC, Gouvernement du. *Référentiel commun en francisation*. Disponível em: <https://www.immigration-quebec.gouv.qc.ca/fr/partenaires/partenaires-francisation/referentiel-commun.html#rc02>. Acesso em 13 de maio de 2022.

SILVA, Emily Caroline da. *O vivido, o revivido e os possíveis do desenvolvimento em diálogo: um estudo sobre o trabalho do professor de FLE com os conteúdos culturais*. 2015. Dissertação (Mestrado em Língua e Literatura Francesa) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015. doi:10.11606/D.8.2015.tde-29062015-125936. Acesso em: 2024-07-30.

SONTAG, Susan. *Sobre Fotografia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

SUMIYA, Aline Hitomi. *O gênero multimodal tutorial em vídeo e suas contribuições no ensino-aprendizagem de francês como língua estrangeira por adolescentes*. 2017. Dissertação (Mestrado em Língua e Literatura Francesa) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016. doi:10.11606/D.8.2017.tde-03042017-123457. Acesso em: 2024-07-30.

WINDMÜLLER, Florence. *Français langue étrangère (FLE) : l'approche culturelle et interculturelle*. Paris : Belin, 2011.

ZARATE, Geneviève. *Enseigner une culture étrangère*. Paris : Hachette, 1986

QUE NOUS DISENT LES PHOTOGRAPHIES DANS LES MANUELS DE FLE ?

RÉSUMÉ: Les images jouent un rôle crucial dans la construction des discours et des significations dans notre monde social. Dans ce contexte, l'analyse du langage non verbal devient essentielle pour développer une perspective critique dans les cours de langue étrangère. Cette étude vise à examiner la présence de photographies dans les manuels de Français Langue Étrangère (FLE) *Alter Ego 1+* et *Par Ici*, utilisés dans deux contextes d'enseignement à l'Université d'État de Londrina (UEL), ainsi qu'à observer les représentations culturelles construites pour ces manuels. Nous avons observé les différentes formes d'images présentes dans les livres choisis, y compris les dessins, les graphiques et les photographies, en utilisant les fondements théoriques de Cristóvão (2015) et les principes de la Grammaire du Design Visuel (GDV) de Kress & Van Leeuwen (2006). L'analyse a révélé que les choix éditoriaux reflètent des idéaux différents de pays : tandis que l'éditeur canadien présente une diversité ethnique- raciale et des contextes informels, l'éditeur français représente une France majoritairement blanche dans des situations formelles. Nous avons conclu que les photographies influencent la construction de représentations sur le pays d'origine de l'éditeur et qu'il n'y a pas de neutralité discursive, mais plutôt des positions pouvant renforcer des stéréotypes et des visions simplistes du monde, impactant ainsi les apprenants en langue étrangère.

MOTS CLÉS : Français langue étrangère, Manuels didactiques, Photographie, Grammaire du design visuel.